



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

POEMA SUJO COMO VESTÍGIOS INFORMACIONAIS E RASTROS TESTEMUNHAIS DE UM EXILADO DA DITADURA MILITAR

POEMA SUJO (DIRTY POEM) AS INFORMATIONAL RESOURCES AND TESTIMONIAL TRACES OF AN EXILE FROM THE MILITARY DICTATORSHIP

Jonathan Kaefer Gomes da Costa. UFMG.

Fabício José Nascimento da Silveira. UFMG.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Partindo da premissa segundo a qual o texto literário pode ser tratado como um documento, o presente artigo objetiva analisar em que condições o Poema sujo, escrito por Ferreira Gullar, consegue mobilizar e dar a ver, por meio de seus versos, um conjunto de vestígios informacionais e rastros testemunhais reveladores das implicações da ditadura militar – brasileira e do Cone Sul – sobre a vida do poeta e para a história do país. Em face disso, o estudo constituído caracteriza-se como de natureza bibliográfica, documental e exploratória em que, amparado pelos conceitos de rastro e vestígio, se investiga como o Poema sujo pode constituir-se em “arquivo” que organiza, preserva e perpetua a memória individual e a memória histórica de uma época. Como resultado, demonstra-se que a escrita de Gullar é capaz de agenciar em si inúmeros vestígios informacionais e rastros testemunhais com potencial para oferecer aos leitores uma imagem melhor delineada tanto sobre a história de vida do escritor, quanto das contingências culturais e políticas que, no contexto da ditadura militar, pautavam as ações individuais e modulavam os acontecimentos coletivos.

Palavras-Chave: Poema sujo. Ditadura militar - Cone Sul. Testemunho. Documento. Vestígios informacionais.

Abstract: Starting from the premise that the literary text can be treated as a document, this article aims to analyze under what conditions the Poema sujo (Dirty Poem), written by Ferreira Gullar, manages to mobilize and reveal, through its verses, a set of informational resources and testimonial traces revealing the implications of the military dictatorships – Brazilian and Southern Cone – for the poet's life and the country's history. In view of this, this study is characterized as bibliographical, documentary and exploratory in nature in which, supported by the concepts of trace and resource, it investigates how the Poema sujo can be constituted in an “archive” that organizes, preserves and perpetuates both the individual and the historical memory of an era. As a result, Gullar's writing is shown to be capable of managing innumerable informational resources and testimonial traces with the potential to offer readers a better delineated image both about the writer's life story and the cultural and political contingencies that, in the context of military dictatorship, guided individual actions and shaped collective events.

Keywords: Poema sujo (Dirty poem). Military dictatorship - Southern Cone. Testimony. Document. Informational traces.



1 INTRODUÇÃO

No presente texto abordamos a possibilidade de ler o *Poema sujo*, escrito por Ferreira Gullar em seus dias de exílio durante a década de 1970, como resultado deliberado do ato de testemunhar. Para tanto, partimos do pressuposto de que há nessa narrativa vestígios informacionais e rastros testemunhais que lhe confere uma dimensão de lugar da memória. Nesses termos, é possível tratarmos o *Poema* como um documento, um arquivo que agencia e revela tanto aspectos individuais – referentes mnêmicos da vida de Gullar –, quanto as contingências – acontecimentos de ordem política, histórica e cultural – de uma época.

Em face disso, naquilo que se refere ao seu desenho metodológico, o estudo aqui constituído pode ser caracterizado como de natureza bibliográfica, documental e exploratória em que, amparado pelos conceitos de rastro e vestígio, se investiga como o *Poema sujo* pode se constituir em “arquivo” que organiza, preserva e perpetua a memória histórica de um acontecimento (a ditadura militar no Brasil e no Cone Sul) e as experiências daquele que o vivenciou (o próprio Ferreira Gullar). Discussão que abre novas possibilidades de estudos no campo da Ciência da Informação, sobretudo em termos da confirmação das proposições formuladas por Jean Meyriat (2016), para quem um documento não surge a priori, mas, sim, do desejo do usuário de nele se obter informação. Colocado nesses termos, começemos destacando alguns rastros testemunhais que emergem e são agenciados na narrativa poética tecida por Gullar.

2 POEMA SUJO, COMPOSIÇÃO DE RASTROS TESTEMUNHAIS EM LINGUAGEM POÉTICA

O poeta José de Ribamar Ferreira, o Ferreira Gullar, conhecido no meio artístico-cultural brasileiro desde 1950, logo após filiar-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi alçado à condição de clandestino pelos agentes que instauraram a Ditadura Militar no país em 1964. Essa situação perdurou até 1970, quando foi obrigado a exilar-se, passando a viver em degredo na União Soviética, no Chile, no Peru e, finalmente, na Argentina.

Viver fora do Brasil não garantiu a Gullar uma sensação de segurança, sobretudo porque parte de seu exílio se deu em países que compartilhavam com o Brasil a mesma experiência ditatorial. Embora as ditaduras do Cone Sul apresentassem particularidades intrínsecas a cada contexto, elas tinham em comum a campanha transcontinental conhecida



como “Operação Condor”, um verdadeiro sistema de “internacionalização da violência” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 66) centrado em caçar, torturar e assassinar seus opositores políticos.

Imerso nessa realidade, Gullar estabeleceu-se na Argentina em 1974, permanecendo naquele país até 1976. Sem possibilidade de renovar o passaporte, o poeta acreditou que não retornaria ao Brasil com vida. Para justificar essa impressão do autor, valemo-nos dos apontamentos de Pilar Calveiro (2013, l. 569), segundo os quais somente no último trimestre de 1976 – período em que Gullar ainda se encontrava na Argentina – os índices de violência indicavam um assassinato político a cada cinco horas, além da explosão de uma bomba a cada três horas e quinze sequestros por dia. Isso nos leva a apreender que o poeta não desfrutava de condições muito favoráveis para ali permanecer. Certamente foi ao tomar consciência disso que ele se sentiu mobilizado a escrever seu *Poema sujo*, um testemunho elaborado em linguagem poética a florado diante de tamanha violência.

Assis (2011, p. 138) observa que essa fuga de Gullar para o poético estabeleceu-se como uma forma de registro de suas memórias e reminiscências. Seria uma espécie de busca por um último refúgio, haja vista que a morte o espreitava. Impressão que encontra respaldo nas formulações de Paul Ricœur (1994, p.120), para quem uma história do sofrimento reivindica narração.

Por conseguinte, apreender os vestígios informacionais presentes no *Poema sujo* que se constituem em referentes mobilizadores da memória individual, histórica e coletiva nos permite pensar e tratar essa obra de Gullar – seu testemunho final – como um potencial documento que revela muitos aspectos vividos por diversos perseguidos políticos no Brasil e em outros países latino-americanos ao longo das décadas de 1960-1970. Possibilidade interpretativa endossada por Carlo Ginzburg e sua análise da leitura efetuada por Erich Auerbach do romance *O vermelho e o negro*, de Stendhal, que o tomou não como um documento histórico, mas como texto “entranhado de história” (GINZBURG, 2007, 11). Ao fazer isso, Ginzburg (2007) ratifica que Auerbach escavou os meandros do texto “numa perspectiva diferente das intenções e da perspectiva de seu autor, utilizando-se dos rastros por ele deixados mais ou menos involuntariamente”. (GINZBURG, 2007, p. 11). Dessa forma, a partir do exercício analítico empreendido por Auerbach, o historiador italiano postula que:



“a ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante.” (GINZBURG, 2007, p. 11).

Conforme destacado por Ginzburg, as interpretações de Auerbach estão voltadas para a leitura dos rastros em *O vermelho e o negro*, mas o que é isso? Sendo o rastro um referencial para o conhecimento histórico tal como a observação direta ou instrumental é para a ciências naturais, recorremos a Derrida que define o rastro como: “algo que parte de uma origem, mas que logo se separa da origem e resta como rastro na medida em que se separou do rastreamento, da origem rastreadora” (DERRIDA, 2012, p. 121). Afirmativa a qual acrescenta: “Nem todo rastro é arquivo, mas não há arquivo sem rastros.” (DERRIDA, 2012, p. 121). Em face disso, o filósofo compreende que há rastros que são portadores de experiência, ou seja, onde houver experiência, haverá rastros.

É em concordância com isso que vislumbramos a possibilidade de ler o *Poema sujo* recorrendo ao pacto-signo do fenômeno do vestígio que, nas formulações de Paul Ricœur, seria responsável por acentuar o caráter imaginário de conectores que marcam a instauração do tempo histórico (RICŒUR, 2010, p. 315). Mediação imaginária pressuposta na estrutura mista do próprio vestígio enquanto *efeito-signo* cuja composição da a ver inferências de tipo causal aplicadas ao vestígio como marca deixada como coisa presente que vale por uma coisa passada. (RICŒUR, 2010, p. 315).

Atentando, pois, para o *efeito-signo* do vestígio, Carlo Ginzburg (1989) aponta que os estudos indiciários surgiram no final do século XIX, estando relacionados ao advento da semiótica nas ciências humanas. Para explicar esse advento, o historiador italiano recorre às novelas de Arthur Conan Doyle, *Sherlock Holmes* – e assinala que a dupla Holmes – Watson representa o desdobramento de uma figura real: “um dos professores do jovem Conan Doyle, famoso pelas suas extraordinárias capacidades diagnósticas” (GINZBURG, 1989, p. 151). Em sua argumentação, Ginzburg ressalta que isso não se trata de uma coincidência biográfica, mas o início do paradigma indiciário que surgia naquele século, o qual: “engloba os rastros de toda natureza.” (RICŒUR, 2007, p. 504).

Semelhante ao que foi assinalado por Ginzburg sobre o paradigma indiciário, Aleida Assmann (2011, p. 88-92) nos apresenta uma interpretação correlata ao tratar as obras de Shakespeare como uma encenação histórica. Partindo dessa modalidade de compreensão, Assmann buscou encontrar nas novelas de Shakespeare vestígios para se formular uma



possível “interpretação da história”, já que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-las.” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Não sem razão, para fins das análises aqui empreendidas, nos atentaremos aos indícios alinhavados e expressos pelos versos que corporificam o *Poema sujo*. Versos cuja ordenação permite um sentido, uma interpretação indiciária dos rastros que ali se pretendeu inscrever. Talvez por isso Ricœur (2007, p. 185) tenha afirmado certa vez que a própria escrita é um tipo de indício. Por consequência, a mensagem que dela se extrai é, também, aquilo que a sustenta como vestígio a ser decodificado, nas palavras de Assmann (2011, p. 227), um signo linguístico intencional.

Portanto, por meio desses vestígios de si, Gullar constrói seu “testemunho final”. Contudo, de modo diferente da testemunha que precisa de um ouvinte, no *Poema sujo* o narrador reivindica leitores que deem crédito àquilo que leem como rastros de algo que um dia foi dado em experiências do próprio poeta, transformando, assim, a matéria poética em um documento testemunhal. Melhor dizendo, em uma memória declarada em versos.

3 A MEMÓRIA DECLARADA EM VERSOS

Giorgio Agamben (2008) pontua que há no latim alguns termos usados para designar a palavra “testemunho”, sendo um deles a ideia de *superstes*: “aquele que viveu até o fundo uma experiência, sobreviveu à mesma e pode, portanto, referi-las aos outros.” (AGAMBEN, 2008, p. 150). Em face disso, o testemunho pode ou não ser documentado, condição que faz dele um rastro. Daí provém parte de sua natureza fragmentária e lacunar, subjetiva e inexata. Essas características são melhor delineadas quando pensamos em um poema-testemunho, narrativa atravessada por uma dimensão ficcional, mas que é urdida com base em acontecimentos e experiências reais. A isso Seligmann-Silva (2003) nomeia como “teor testemunhal”, ressaltando que se trata de uma narrativa que ora pende para o subjetivo – discurso sobre a memória individual, etc. –, ora para o objetivo – a memória coletiva como discurso de construção de uma identidade que se dá nos planos político e estético. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 42).

Para Mabel Moraña (1995) a literatura amparada pelo testemunho mobiliza um conjunto de marcas comuns a essas narrativas, destacando-se a construção do espaço geográfico (mesmo que imaginário) e a ênfase dada à datação. Características também presentes no *Poema sujo* e que expressam, a nosso ver, uma manifestação do desejo de



Ferreira Gullar de fazer perpetuar suas lembranças contra o esquecimento. Moraña (1995) pontua ainda que as marcas de territorialização, o mapa e a cronologia não são deixadas de lado em um testemunho porque dão a ver uma vontade comunicativa que o testemunho agencia em si.

Antoine Compagnon (2009) também aposta no potencial da literatura como meio para se compartilhar experiências: “de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida.” (COMPAGNON, 2009, p. 47). Sem perder isso de vista, apreendemos que Gullar fez de seu *Poema sujo* um documento de testemunho, razão pela qual não devemos negligenciar seu momento de criação, quem o escreveu e em quais condições.

Por isso, acreditando que o *Poema sujo* faz ressoar uma memória declarada (ou arquivada, nos termos de Paul Ricœur, 2007), que passa pelo arquivo e pelo documento para se converter em vestígio testemunhal carregado de elementos informacionais. Como se vê, pensamos esse poema como um potencial documento que pode complementar outras narrativas mnêmicas sobre o mesmo momento histórico, pois, como afirma Figueiredo (2017, p. 32), no que tange às ditaduras do Cone Sul, “não basta encontrar um documento, é preciso confrontá-lo com outros, se assegurando de sua autenticidade”.

Essa verificação da autenticidade faz-se necessária devido à natureza fragmentária que também há no arquivo, mesmo enxergando sua consistência de prova (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 145), dado que o arquivo não é nem o puro reflexo e nem sua pura “prova” de um ou de vários acontecimentos, uma vez que ele “exige sua permanente reconstrução” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 145). Ademais, esse arquivo ao qual Didi-Huberman faz referência possui semelhanças com aquilo que Paul Ricœur chama de prova documental e ao que Icléia Thiesen (2014, p. 15) nomeia como provas materiais, definições que englobam os documentos, os testemunhos e a produção do conhecimento. Tendo isso por referência, pergunta-se: por que *Poema sujo* não se enquadraria nessa categoria de “prova material”, uma vez que estamos lidando com um poema cuja marca (a escrita e o rastro) está manifesta em um livro registrado?

Para enfrentarmos essa questão recorreremos às formulações de três historiados que defendem a assimilação do arquivo pelo registro e, necessariamente, pela escrita. Primeiro temos Aleida Assmann (2011, p. 367) que assevera que os arquivos estão condicionados à



existência de um sistema de registro e à escrita, formando-se a partir de uma memória para um suporte fixo. De modo semelhante, Paul Ricœur (2007, p. 176) conjectura que o arquivo é escrito e se apresenta como um lugar físico, portanto, passível de ser consultado. E, como uma terceira referência, temos Jacques Le Goff (1990) que propôs a tese segundo a qual, embora os documentos não se limitem ao suporte, eles ganham uma formação especial com a escrita. Portanto, para Le Goff, o documento escrito tem a função de: “armazenamento de informações, que permitem comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro” (LE GOFF, 1990, l. 7940).

A partir disso, podemos dizer de forma incontestada que, enquanto objeto escrito, o livro *Poema sujo* se constitui em um documento de registro, em um documento de arquivo. Contudo, não é tão somente essa dimensão documental que nos interessa, há, ainda, os vestígios informacionais e testemunhais inscritos em sua narrativa poética. Razão pela qual recorreremos às definições de Jean Meyriat (2016, p. 242) sobre o documento, com vistas a lermos o *Poema sujo* a partir de sua interface de rastro documental. Desse modo, considera-se, na esteira de Meyriat (2016), a dupla origem do documento, inferência que também contempla em seu horizonte de significação o olhar de quem o interpreta.

Vale destacar que para Meyriat (2016), numa abordagem pragmática, todo objeto pode ser tratado como um documento, mesmo aquele que não foi construído para isso. Conforme expõe o estudioso francês, um documento só o é a partir do momento em que alguém busca nele informações. Dessa forma, a vontade de obter informações é: “um elemento necessário para que o objeto seja considerado documento” (MEYRIAT, 2016, p. 243). Consequentemente, “o documento não surge como tal, a priori, mas como o produto de uma vontade, aquela de informar ou se informar” (MEYRIAT, 2016, p. 243).

Essa modalidade de compreensão, a qual entende o documento como objeto que comporta informações, mostra-se cara a este artigo, sobretudo quando posta em diálogo com Rafael Capurro (1992), pesquisador que tem afirmado que a informação em um documento pode ser, temática e situacionalmente – dado compartilharmos um mundo comum – reunida, lida e interpretada a partir daquele que nele busca uma informação possível.

Diante disso, seria factível dizermos que essas características de um documento estão manifestas no *Poema sujo*? Apostamos que sim. Aposta que encontra em Mabel Moraña (1995, p. 486) um ponto de sustentação, uma vez que ela propõe o uso da literatura como



alternativa para se romper com o pragmatismo documental em relação ao uso de uma mensagem.

Concordando com essa perspectiva, Márcio Seligmann-Silva (2012) defende que as possíveis mudanças de compreensão oriundas desse entrelaçamento entre ficção e realidade têm relação direta com a crise do paradigma positivista que por longa data marcou presença nas ciências humanas e documentárias, fazendo emergir o que o autor chamou de “crise das representações” que se dá com a “virada subjetiva”, uma vez que as representações se queriam e reivindicavam ser objetivas. (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 70-71).

Em face disso, conforme temos defendido, *Poema sujo* dá-se a ver como o resultado da escrita ordenada por Ferreira Gullar, a qual nos revela as sinuosidades do gesto mnêmico de um poeta que compôs em versos os rastros de um exercício testemunhal como forma de tentar resistir ao esquecimento e à ameaça do desaparecimento. Assim, seu *Poema* emerge como prova de vida de um homem que, no momento de sua escritura, vivia em exílio.

Desse modo, a busca de Ferreira Gullar em promover seu testemunho por meio do *Poema sujo* confere ao leitor a possibilidade de acessar diversas informações concernentes à vida de seu autor e ao momento histórico instituído pelas ditaduras do Cone Sul. Figueiredo (2017) também acentua essa possibilidade e destaca que a literatura tende a atingir um público amplo, posto que o acesso e a leitura de textos como o *Poema sujo* não estão restritos aos acadêmicos, historiadores, etc. Isso faz com que a literatura esteja ao alcance de qualquer um, enquanto os arquivos – no sentido estrito – arrolam documentos de leitura árida, muitas vezes dispersos e reservados aos historiadores e outros profissionais no uso habitual de seus trabalhos e pesquisas.

Embora Aleida Assmann considere os arquivos como exemplos de memórias funcionais (administrativas) e como “fontes potenciais que perfazem o fundamento do saber histórico de uma cultura” (ASSMANN, 2011, p.438), ela ressalta que a literatura deve ser vista como uma fonte potencial do saber histórico, particularmente por seu acesso não ser tão restrito quanto os arquivos em sentido estrito. Buscamos demonstrar a validade desses apontamentos no próximo tópico.



4 VESTÍGIOS INFORMACIONAIS E RASTROS TESTEMUNHAIS DE UM EXILADO NO *POEMA SUJO*

Há no *Poema sujo* um conjunto de versos indicativos de que Ferreira Gullar partiu para o exílio forçado levando consigo lembranças marcadas por objetos que povoavam sua infância em São Luís:

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,
voais comigo
sobre continentes e mares
E também rastejais comigo
pelos túneis das noites clandestinas
sob o céu constelado do país
entre fulgor e lepra
debaixo de lençóis de lama e de terror
vos esgueirais comigo, mesas velhas,
armários obsoletos gavetas perfumadas de passado (GULLAR, 1997, p. 14-15).

Em nossa interpretação, voar sobre “continentes e mares” remete ao início da jornada do poeta no exílio. Momento no qual, para sobreviver, Gullar evoca e organiza em suas lembranças “gavetas perfumadas de passado”. Além de nos informar sobre o exílio, esses versos dão a ver a importância das lembranças e da memória para a elaboração de uma escritura de si. Percepção que encontra ressonância nas discussões elaboradas por Maurice Halbwachs (1990, l. 2162) para quem os objetos materiais e os construtos de imagens sociais registram tempos de si, tanto quanto contribuem para a edificação de uma memória coletiva. Esses versos do *Poema sujo* também funcionam como rastros de um processo de autoarquivamento a partir do qual o poeta exilado relembra “meu sangue feito de gases que aspiro / dos céus da cidade estrangeira” (GULLAR, 1977, p. 19-20), buscando, com isso, resistir ao seu próprio desaparecimento.

No nível conceitual, Edward Said esclarece a real situação vivenciada por um exilado, destacando que: “o exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. [...] o termo ‘exilado’, creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.” (SAID, 2003, p. 54). Tendo em vista essa asserção de Said, é possível dizermos que, ao deixar o país em decorrência de injunções alheias à sua vontade, Ferreira Gullar tornou-se sim um “exilado”. Mesmo que o



banimento oficial não tenha ocorrido, o exílio foi a alternativa encontrada pelo poeta para escapar da perseguição imposta pelos militares aos membros do PCB. Outro ponto que justifica o enquadramento de Gullar como um exilado político diz respeito ao fato de que sua saída do Brasil não se deu em grandes massas, o que tem a ver com o fato de que muitos perseguidos pelo Estado tendiam a entrar para a clandestinidade antes mesmo de partirem para o exílio.

Após o exílio em Moscou e a vinda para a América-Latina, Gullar foi testemunha de novos golpes de Estado e da caçada aos ditos “comunistas” vindos dos respectivos países que o poeta havia se estabelecido. Foi, portanto, diante da constante ameaça de desaparecimento que ele deu início à tessitura de seu poema memória, impregnando nos versos urdidos rastros de vida, os quais, hoje, nos servem como vestígios informacionais do que se passou com ele e com os países do Cone Sul ao longo da década de 1970. Razão pela qual tratamos, na esteira de Meyriat (2016), o *Poema Sujo* como um documento. Um documento testemunho, em que a datação se faz necessária, posto ter sido concebido em cidade estrangeira, em dias de lembranças “que vazam agora ambos em pleno coração / de Buenos Aires” (GULLAR, 1977, p. 39), durante à tarde “de 22 de maio de 1975” (GULLAR, 1977, p. 39).

Essa mudança abrupta para a Argentina fez com que o poeta mergulhasse em um ambiente de dúvidas e indefinições. Embora Edward Said (2003, p.51) afirme que a vida no exílio é descentrada e que nada é seguro porque tudo está “fora da ordem habitual” (SAID, 2003, p. 60), o crítico palestino reconhece, também, que mesmo nessas condições o exilado pode romper com as barreiras que restringem seu corpo, sua língua, seu pensamento e suas experiências (SAID, 2003, p.58). Considerando possível essa declaração, não é de todo improvável que o *Poema sujo* tenha nascido de um duplo movimento: ele é um ato de resistência, tanto quanto o produto de uma experimentação poética marcadamente inovadora cujo *leitmotiv* é narrar a experiência de uma vida toda (GULLAR, 1998, p. 44). Não apenas narrar, mas lhe restituir um lugar no mundo, conferir-lhe certo reconhecimento.

Tratando-se de um exilado, isso certamente se aplica ao poeta, que por alguns anos viveu entre o passado e o presente, não estando “totalmente aqui e nem acolá” (FIGUEIREDO, 2017, p. 83), pois no exílio “ele flutua entre dois mundos, entre dois tempos” (FIGUEIREDO, 2017, p. 83) com “os olhos voltados para o país natal” (FIGUEIREDO, 2017, p. 66), em face disso, Gullar cria uma dupla distância no tempo e no espaço. A esses fatores devemos somar



o luto da perda de sua “referência maior que é o país natal” (FIGUEIREDO, 2017 p. 160), onde estão enraizadas sua tradição, seus laços familiares e a geografia que o orienta no mundo (SAID, 2003, p. 47).

Portanto, a busca por reconhecimento é, ela mesma, uma forma de resistir à perda de referências, ao descentramento de si e ao choque cultural que assola quem chega em um país desconhecido e a contragosto. Tudo isso provoca no exilado uma fissura em sua memória comum, aquela que, nas perspectivas de Michael Pollak (1989) e Maurice Halbwachs (1990), fornece tanto ao sujeito quanto ao grupo o quadro de sentido e os pontos de referência necessários à manutenção e à coesão dos estratos simbólicos que os localizam no mundo. Portanto, a manutenção das relações com o espaço no qual a memória coletiva espraia suas referências faz-se impossibilitada para o exilado, um sujeito que, por forças alheias à sua vontade passa a viver “separado das raízes, da terra natal, do passado.” (SAID, 2003, p. 50).

Não por acaso, empreendendo um exercício de autoarquivamento, o poeta se vale de “cenas fragmentárias” (BOSI, 2021, p. 57) para documentar e testemunhar a crise democrática instaurada em vários países latino-americanos ao longo dos anos de 1970. Nesse movimento, São Luís do Maranhão ocupa uma posição central posto que, a fim de resistir à perda de sua identidade, a voz lírica trabalha intensamente as lembranças de acontecimentos e experiências vividas pelo poeta em sua terra natal. Percepção também observada por Marcelo Lopes de Souza (2015, p. 95) ao pontuar que no *Poema* de Gullar as referências territoriais são povoadas por símbolos de identidade “materializados” em monumentos, na topografia, nos hábitos culturais e no idioma que nele ganham forma e sentido.

Atentos a isso, vemos surgir no *Poema sujo* uma São Luís do Maranhão subjetiva “minha cidade azul” (GULLAR, 1977, p. 17), mas, também, objetiva “que foi fundada pelos franceses em 1612” (GULLAR, 1977, p. 59). Nesses termos, podemos dizer que a cidade aludida em forma de versos oferece aos leitores de Gullar inúmeros rastros documentais / informacionais que versam tanto sobre aspectos regionais, culturais e históricos, quanto intersubjetivos reveladores de uma mirada muito própria do poeta sobre as ruas, praças, avenidas, idas e vindas que ainda estão nítidas e vivas em sua memória.

Essa presença viva de São Luís no *Poema sujo* se justifica, em muitos aspectos, pelo que foi observado por Edward Said (2003, p.59) em relação à condição dos exilados, ao sustentar que eles, quase sempre, baseiam sua existência no amor pela terra natal e nos laços



que o ligam a ela. Não é sem razão, pois, que Gullar mobiliza em seu registro poético uma identidade regional representativa do seu desejo de voltar para casa. Isso pode ser visto, por exemplo, no modo como a voz poética descreve o espaço geográfico e os monumentos da cidade, entremeando informações objetivas e pensamentos subjetivos.

Visando melhor clarear as sinuosidades desse movimento, julgamos pertinente apresentar aqui a distinção formulada por Collot (2015) acerca das ideias que balizam nossa compreensão sobre o que venha a ser uma “paisagem” e/ou um “lugar”, sendo este definido por uma forte delimitação topográfica e cultural, enquanto aquela se liga ao ponto de vista de um indivíduo, expressando-se como o produto de uma experiência individual, sensorial e suscetível de uma elaboração estética singular. (COLLOT, 2015, p. 18). A partir dessa distinção, paisagem é o termo que melhor se adequa às imagens construídas por Gullar para São Luís, uma vez que a voz poética evoca, quase sempre, uma cidade marcadamente intimista. Por isso São Luís é apresentada “como/em pedaços” (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 90), uma paisagem matizada entre a objetividade e a subjetividade, na qual suas ruas, avenidas, bairros, monumentos e habitantes compõem um mapa quase onírico, posto figurar como uma “cidade lembrada”. Os versos a seguir nos ajudam a perceber esses rastros e vestígios informacionais a partir dos quais o poeta leva à cabo seu projeto de autoarquivamento:

Sobre os jardins da cidade
urino pus. Me extravio
na Rua da Estrela, escorrego
no Beco do Precipício.
Me lavo no Ribeirão.
Mijo na Fonte do Bispo.
Na Rua do Sol me cego,
na Rua da Paz me revolto
na do Comércio me nego
mas na das Hortas floresço;
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço
na do Alecrim me perfume
na da Saúde adoeço
na do Desterro me encontro
na da Alegria me perco
Na rua do Carmo berro
na da Direita erro
e na da Aurora Adormeço. (GULLAR, 1977, p. 83-84).

Assim, temos um poeta / uma voz lírica que se desvia na “Rua da Estrela”; que profana com urina a fonte da autoridade eclesiástica; que não vê onde há excesso de luz; que se revolta



onde deveria haver paz. Que por ser poeta, se nega a ser comerciante tal qual o pai (Newton Ferreira); que adoce quando deveria estar com saúde; que causa escândalo quando deveria estar calmo e que faz errado no dito direito. Versos condizentes com a história de um homem das letras e das artes que desde muito cedo prega a subversão da ordem política e do academicismo estético. Subversões que lhe farão angariar visibilidade no meio intelectual do país, mas que, posteriormente, comprometerão sua permanência em solo brasileiro, forçando-o a partir para o exílio onde sentirá no corpo e no espírito o que é estar “no beco do Precipício” (GULLAR, 1977, p.83), aquele lugar em que tudo é “turvo turvo” (GULLAR, 1977) conforme os versos iniciais do poema.

Aqui é preciso não perder de vista que São Luís é, também, uma realidade concreta, uma referência geográfica primária, cujos pontos referenciais rememorados no *Poema* encontram correspondência com a cartografia da capital maranhense alinhavada em 1958 por Ruy Ribeiro de Mesquita, engenheiro responsável por traçar o “Plano Urbano” da cidade.

Por tudo isso, como pode ser visto, Gullar não cantou em seu *Poema* apenas uma cidade imaginada. A São Luís do poeta é uma paisagem concreta que foi povoada pelas experiências do homem que entoava sua balada de resistência e testemunho. Experiências em rastros, rasuras de uma identidade espacial que, ao serem tomadas como vestígios informacionais, informam-nos tanto sobre esse homem na cidade quanto sobre a cidade lembrada pelo homem exilado que deseja, pois, alcançar a cidade que povoa suas memórias e o faz sentir, a despeito de tudo e de todos, que está vivo novamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui empreendidas centraram-se em demonstrar que o *Poema sujo*, ao ser tratado como um documento, consegue mobilizar e dar a ver um conjunto de vestígios informacionais e rastros testemunhais reveladores das implicações da ditadura militar – brasileira e do Cone Sul – tanto sobre a vida do poeta quanto para a história do país. Em face disso, evocando os conceitos de rastro e vestígio, investigou-se o *Poema sujo* como uma espécie de “arquivo” que organiza, preserva e perpetua a memória individual e a memória histórica de uma época. Isso nos possibilitou demonstrar que a narrativa poética tecida por Gullar é capaz de agenciar em si vestígios informacionais e rastros testemunhais que documentam as consequências sociais e intersubjetiva do exílio na vida do poeta, oferecendo, pois, aos leitores uma imagem melhor delineada tanto sobre certos aspectos biográficos do



escritor quanto das contingências culturais e políticas que, no contexto da ditadura militar, pautavam as ações individuais e coletivas.

Desse modo, ao mobilizar as “experiências da vida toda” do poeta, o *Poema sujo* pode ser interpelado como narrativa testemunhal que, por meio da linguagem poética, ordena fatos, evoca lembranças, subscreve informações e testemunha as contingências de um tempo histórico marcado pela violência de Estado, pela censura àqueles que resistiam a essa violência e os impactos disso tudo na história individual e na vida coletiva das pessoas. Colocado nesses termos, os resultados a que chegamos demonstram que o relato poético de Gullar engloba micro-acontecimentos que remetem à história individual e coletiva de muitos outros sujeitos e grupos perseguidos pela ditadura militar no Brasil e no Cone Sul.

Vale destacar, ainda, que ao escolhermos o *Poema sujo* como objeto analítico, lendo-o como um documento impregnado de vestígios informacionais e rastros testemunhais, tínhamos em vista contribuir para o alargamento dos horizontes teórico-conceituais que tradicionalmente têm sido definidos como de “natureza informacional”. Isso posto, ao afirmarmos que um poema pode nos informar a partir do momento em que nos atentamos para sua dimensão de “reprodutibilidade do testemunho”, estamos, concomitantemente, sublinhando que, para além de seus atributos estéticos, essa tipologia de narrativa corporifica nela mesma uma clara dimensão informacional e testemunhal que transborda as limitações impostas por certas definições consideradas “canônicas” sobre o que é um documento e que tipologia de informação ele comporta, especialmente quando a obra poética em questão se edifica em torno de uma vontade declarada de memória.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de sítio)

ASSIS, Maria do Socorro Pereira de. **Poema sujo de vidas: alarido de vozes**. 2011. 275f. Tese (Doutorado em Letras – Teoria da literatura), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Viviana. **Poesia em risco: itinerários para aportar nos anos 1970 e além**. São Paulo: Editora 34, 2021.



CALVEIRO, Pilar. **Poder e desaparecimento**: os campos de concentração na Argentina. São Paulo: Boitempo, 2013. E-book (Não paginado).

CAPURRO, Rafael. What is information for? A philosophical reflection. In.: VAKKARI, Perti; CRONIN, Blaise (Orgs.). **Conceptions of library and Information Science**: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992, p. 82-96.

COLLOT, Michel. Poesia, paisagem e sensação. **Revista de Letras**, UFC, v. 1, n.34, p. 17-26, 2015. Disponível em: < <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2400>>. Acesso em: 21/05/2022.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020. (Coleção TRANS).

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977. (Vera Cruz – Literatura Brasileira. v. 231)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértices, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. E-book (Não paginado).

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. Tradução de Camila Mariana A. da Silva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, UFMG, v. 21, n.3, p. 240-253, jul./set. 2016.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispano-americana en el siglo XX. In.: PIZZARO, Ana (Org.). **Palavra, literatura e cultura**. São Paulo: UNICAMP, 1995. v.3, p. 113-149.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.



RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v.3.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas; SP: Papyrus, 1994. Tomo I.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas; SP: Papyrus, 1994. Tomo II.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes**. Campinas; SP: Editora Unicamp, 2003, p. 07-44.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrativas contra o silêncio: cinema e ditadura no Brasil. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). **Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v.2, p. 64-85.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

THIESEN, Icléia (Org.). **Documentos sensíveis: informação, arquivo e verdade na ditadura de 1964**. 1. ed, Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.